



O PROCESSO DO CONHECIMENTO EM MARX APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICO

*Isabel Cristina Theiss¹
Neide da Silveira Duarte de Matos²*

Resumo: O propósito deste texto é refletir sobre o processo de apropriação do método dialético em Marx, sob o pressuposto de que o conhecimento científico é uma produção social que envolve sujeitos e relações ao longo da história. O método materialista histórico-dialético busca fazer uma apropriação crítica racional sistematizada da sociedade capitalista pelo sujeito cognoscente. Esse conhecimento procura apreender a essência por detrás da aparência, elevando-se do abstrato ao concreto dos fenômenos estudados, a fim de desmistificar o caráter alienado e fetichizado dos fatos sociais, onde a parte só é compreendida na conexão com a totalidade sócio-histórica, determinada pela interação multifacetada das partes envolvidas. Diferente do método especulativo da dialética hegeliana e do empirismo aparential do pensamento da economia política clássica, o método de Marx tem como sujeito e ponto de partida da investigação a própria realidade sócio-histórica. Isso significa que o materialismo dialético marxiano não se estabelece como um procedimento subjetivista, como o idealismo abstrato, que concebe o real como o produto do desenvolvimento do espírito absoluto, tampouco como um método objetivista do positivismo empirista, que toma o sujeito do conhecimento como passivo e concebe a realidade como algo pronto e acabado. No que se refere às determinações metodológicas, Marx não nos deixou escritos sistemáticos sobre a dialética como um conjunto de regras abstratas. Ele não queria antecipar resultados em sua produção teórica, evitando uma postura idealista. O método de conhecimento, portanto, não é um conjunto de regras pré-determinadas, mas deve estar organicamente entrelaçado com a realidade, para explicitar a estrutura imanente dos fenômenos, suas especificidades, contradições e mediações operantes na dinâmica da sociedade. A dialética marxiana pressupõe a compreensão das condições materiais de produção dos indivíduos e como estabelecem relações sociais. Os seres humanos não podem ser tomados como seres autônomos, independentes de suas relações com a natureza e a sociedade. As ideias estão conectadas com as condições sócio-históricas de existência, e o entendimento da dialética marxiana envolve a compreensão de como os indivíduos produzem suas representações e ideias, relacionando-as com suas condições materiais. A dialética é, ao mesmo tempo, o movimento do pensamento em relação ao objeto e o movimento específico que os fenômenos efetivam. O método dialético permite desmistificar as ideologias e o fetichismo, revelando as contradições e as mediações presentes na sociedade. A dialética marxiana busca desnaturalizar o quadro de exploração, alienação e fetichização ideológica que encobre as contradições sócio-históricas. Ela aponta para a possibilidade concreta de instaurar um novo mundo, livre das injustiças e desigualdades que esvaziam a subjetividade humana e promovem a

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua como Professora Colaboradora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, como Docente do Atendimento Educacional Especializado, campus de Toledo.

² Doutora em Psicologia - Programa de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá - PPI/UEM. professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação - UNIOESTE/Cascavel. nds.duarte@hotmail.com.

deterioração dos recursos naturais em prol da acumulação de capital. Em resumo, o método dialético de Marx é uma abordagem crítica e sistemática, que busca compreender a sociedade capitalista, suas contradições e suas determinações imanentes, a partir da realidade sócio-histórica e das condições materiais de existência dos indivíduos. Isso implica em uma desmistificação das ideologias e do fetichismo que encobrem as relações sociais na sociedade capitalista, com o objetivo de transformar essa realidade em direção a um mundo mais justo e equitativo.

Palavras-chave: Marx. Materialismo histórico-dialético. Conhecimento.

Resumen: El propósito de este texto es reflexionar sobre el proceso de apropiación del método dialético en Marx, bajo el supuesto de que el conocimiento científico es una producción social que involucra sujetos y relaciones a lo largo de la historia. El método materialista histórico-dialético busca realizar una apropiación crítica racional sistematizada de la sociedad capitalista por parte del sujeto cognoscente. Este conocimiento busca aprehender la esencia detrás de la apariencia, elevándose de lo abstracto a lo concreto de los fenómenos estudiados, con el fin de desmitificar el carácter alienado y fetichizado de los hechos sociales, donde la parte solo se comprende en conexión con la totalidad sociohistórica, determinada por la interacción multifacética de las partes involucradas. A diferencia del método especulativo de la dialéctica hegeliana y del empirismo aparente del pensamiento de la economía política clásica, el método de Marx tiene como sujeto y punto de partida de la investigación la propia realidad sociohistórica. Esto significa que el materialismo dialético marxiano no se establece como un procedimiento subjetivista como el idealismo abstracto, que concibe lo real como el producto del desarrollo del espíritu absoluto, ni como un método objetivista del positivismo empirista, que toma al sujeto del conocimiento como pasivo y concibe la realidad como algo listo y acabado. En cuanto a las determinaciones metodológicas, Marx no nos dejó escritos sistemáticos sobre la dialéctica como un conjunto de reglas abstractas. No quería anticipar resultados en su producción teórica, evitando una postura idealista. El método de conocimiento, por lo tanto, no es un conjunto de reglas preestablecidas, sino que debe estar orgánicamente entrelazado con la realidad para explicitar la estructura inmanente de los fenómenos, sus especificidades, contradicciones y mediaciones operantes en la dinámica de la sociedad. La dialéctica marxiana presupone la comprensión de las condiciones materiales de producción de los individuos y cómo establecen relaciones sociales. Los seres humanos no pueden ser tomados como seres autónomos, independientes de sus relaciones con la naturaleza y la sociedad. Las ideas están conectadas con las condiciones sociohistóricas de existencia, y la comprensión de la dialéctica marxiana implica entender cómo los individuos producen sus representaciones e ideas, relacionándolas con sus condiciones materiales. La dialéctica es, al mismo tiempo, el movimiento del pensamiento en relación con el objeto y el movimiento específico que los fenómenos efectúan. El método dialético permite desmitificar las ideologías y el fetichismo, revelando las contradicciones y mediaciones presentes en la sociedad. La dialéctica marxiana busca desnaturalizar el cuadro de explotación, alienación y fetichización ideológica que encubre las contradicciones sociohistóricas. Apunta hacia la posibilidad concreta de instaurar un nuevo mundo, libre de las injusticias y desigualdades que vacían la subjetividad humana y promueven la deterioración de los recursos naturales en favor de la acumulación de capital. En resumen, el método dialético de Marx es un enfoque crítico y sistemático que busca comprender la sociedad capitalista, sus contradicciones y sus determinaciones imanentes, a partir de la realidad sociohistórica y las condiciones materiales de existencia de los individuos. Esto implica una desmitificación de las ideologías y del fetichismo que encubren las relaciones sociales en la sociedad capitalista, con el objetivo de transformar esta realidad hacia un mundo más justo y equitativo.

Palabras-clave: Marx. Materialismo histórico-dialético. Conocimiento.

INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é explicitar e refletir sobre o processo de construção/reconstrução de Marx sobre o método de análise histórico-dialética da sociedade burguesa, a partir de uma rigorosa e qualificada investigação sobre a gênese, o desenvolvimento e a consolidação da práxis social no modo de produção capitalista. O método materialista histórico-dialético consiste, no campo teórico, em reproduzir o movimento real do objeto pelo pensamento. Para Marx (2013), esse processo se constitui em seus momentos distintos, porém não separados, de investigação e exposição³, em que o sujeito cognoscente busca fazer uma apropriação crítica racional sistematizada da sociedade capitalista. Nesse percurso, a “investigação tem que se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real” (Marx, 2013, p. 128-129). Tal exercício busca apreender a essência por detrás da aparência, elevando-se do abstrato ao concreto dos fenômenos estudados, a fim de desmistificar o caráter alienado e fetichizado dos fatos sociais, onde a parte só é compreendida na conexão com a totalidade sócio-histórica, e esta é determinada pela interação multifacetada das partes envolvidas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferente do método especulativo da dialética hegeliana, e do empirismo aparential do pensamento da economia política clássica, que por estar comprometida com o *status quo* vigente não formulou uma apreensão crítica da “lógica” contraditória do real, o método histórico-dialético em Marx tem como objeto e ponto de partida da investigação a própria realidade sócio-histórica, portanto, a “lógica da coisa” e não “a coisa da lógica”, ou lógica da ideia. Dessa forma, o método histórico-dialético marxiano não se estabelece como um procedimento subjetivista, tal como o idealismo abstrato acrítico, que concebe o real como o produto do desenvolvimento do espírito absoluto e/ou das categorias da lógica engendradas pelo puro exercício da racionalidade; tampouco se estabelece como um método objetivista do positivismo empirista, que toma o sujeito do conhecimento como passivo e concebe a realidade como algo pronto e acabado, dado imediatamente pela experiência humana positivada, naturalizando assim, no âmbito do existente, o autodilaceramento social.

³ No prefácio da segunda edição de *O Capital*, Marx explicita a diferença formal entre o método de investigação e exposição nos termos que seguem: “sem dúvidas, deve se distinguir o modo de exposição segundo sua forma do modo de investigação” (Marx, 2013, p. 128-129).

No que se refere ao conjunto das determinações metodológicas, é necessário evidenciar que Marx não nos legou escritos sistemáticos sobre a dialética enquanto tal, pois não queria cair em uma postura idealista que antecipasse resultados aos quais queria chegar em sua produção teórica. Nesse sentido, conforme nos adverte José Paulo Netto, Marx, ao não nos deixar uma obra conclusiva sobre dialética, não a compreende como algo separado/diversa do objeto investigado — as condições como foram gestadas, desenvolvidas, consolidadas, que engendraram crise e pelas quais podem ser superadas mediante a práxis revolucionária à sociedade capitalista (Netto, 2008). Assim sendo, constata-se que o método de conhecimento não se estabelece como um apanhado de regras e/ou procedimentos abstratos, formulados de forma a priori e aplicados na análise e síntese dos fenômenos estudados. Assim, sujeito cognoscente e realidade sócio-histórica, espírito e matéria, forma e conteúdo não podem ser separados, mas são momentos distintos, que constituem a própria dinâmica e estrutura da totalidade concreta da sociedade. O procedimento metodológico deve estar organicamente entrelaçado/articulado com a realidade, a fim de explicitar a estrutura imanente dos fenômenos, expor criticamente suas especificidades, contradições e mediações operantes em sua dinâmica ocorrente da sociedade. Desse modo, a dialética deve ser capaz de decifrar a essência por trás da aparência de denunciar o caráter fetichista e coisificado que caracterizam as relações sociais manifestas na produção da riqueza burguesa. Neste sentido, afirmamos, junto com Jacob Gorender, um dos intérpretes da obra marxiana, que: “a dialética do pensamento se torna a reprodução teórica da dialética originária inerente ao ser” (Gorender, 2013, p. 49). Ou seja, a dialética é ao mesmo tempo o movimento que o logos do pensamento empreende em relação ao objeto, com a intenção de apreender sua inteligibilidade e, igualmente, o movimento específico que o fenômeno efetiva.

O entendimento da dialética marxiana pressupõe a compreensão do que são os seres humanos e como estabelecem tipos determinados de relações sociais. São as condições de produção material de indivíduos concretos que se estabelecem como fundamento para a compreensão da sociedade capitalista, e não uma produção em geral, abstrata, concebida pela economia política burguesa. Neste contexto, de produção e reprodução material da vida social, os indivíduos não podem ser tomados como seres autônomos, abstratos, isto é, independentes das relações que estabelecem com a natureza e com o nó de relações sociais empreendidas junto à comunidade humana em geral. Nesse sentido, é relevante entender a conexão das ideias com as condições sócio-históricas de existência, dado que eles não possuem uma história própria, mas estão circunstanciados a condições espaciais e temporárias específicas. Nessa perspectiva, Marx e Engels escrevem em *A Ideologia Alemã* o que segue:

Os homens são os produtores das suas representações, ideias etc., mas os homens reais, os homens que realizam [die wirklichen, wirkenden, Menschen], tal como se encontraram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e pelas relações [Verkehrs] que as estas correspondem até as suas formações mais avançadas. [...] Em completa oposição à filosofia alemã, a qual desce do céu à terra, aqui sobe-se da terra ao céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se do homem realmente ativo e, com base no seu processo real de vida, apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos [reflexe] e ecos ideológicos desse processo de vida (Marx; Engels, 2009, p. 31-32).

É necessário compreender a sociedade que esses indivíduos vivem, pois é na sua imanência que eles produzem certos constructos sociais, determinadas condições materiais políticas, ideológicas, educacionais, científicas, religiosas etc. que a eles são transmitidas pela tradição. Nesta perspectiva, Marx escreve em *O 18 brumário de Luiz Bonaparte* que “Os homens fazem sua história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 1974, p.17).

Portanto, para Marx as ideias que os indivíduos fazem do mundo estão reciprocamente implicadas às circunstâncias materiais de sua existência. Isso implica dizer que para compreender os indivíduos concretos é necessário compreender que o primeiro pressuposto da história humana é a existência de indivíduos que produzem os meios indispensáveis à sua sobrevivência: comida, bebida, abrigo e vestimenta para abrigar-se das intempéries e educar a cria. Aliado a isso, o segundo pressuposto histórico é a satisfação de novas necessidades, que afastam os homens de sua condição meramente natural. Assim, faz-se necessário compreender as complexas relações que os indivíduos estabelecem com a natureza e as conjunções das formações sociais em consonância com a produção da sua existência material e social. Assim, na compreensão e produção dos meios de sua existência, os indivíduos engendram a sua vida material não somente de uma forma física, mas igualmente de uma maneira determinada de atividade, de uma expressão determinada de vida. Nesse sentido, Marx escreve

Da maneira como os indivíduos manifestam a sua vida, assim, são eles. O que eles são coincide, portanto, com a sua produção tanto com a que produzem como o modo como produzem. O que os indivíduos são, por conseguinte depende das condições materiais de sua produção (Marx e Engels, 2005. p. 44-45).

A forma como a produção se estrutura influencia a maneira como os indivíduos se relacionam na sociedade, como estabelecem a distribuição e troca das mercadorias produzidas para o consumo, como cooperam e competem entre si e tecem tipos determinados de vínculos sociais. Neste contexto, o método dialético se conecta organicamente com o materialismo histórico e, para

a apreensão das determinações (as formas de ser) imanentes do modo de produção capitalista, deve fundar-se na explicitação das condições materiais de existência dos indivíduos e na forma como se relacionam, implicando na desmistificação do fetichismo e das ideologias: a consciência invertida de um mundo invertido, a expressão das relações sociais na consciência dos indivíduos se apresentam como supostamente autônomos, no âmbito da totalidade social.

A desmistificação das ideologias e do fetichismo se põe como uma tarefa essencial da dialética marxiana, a qual deve estar imbricada ao chão da práxis social. É neste campo que o ser humano, mediante sua atividade criativa e crítica, ao transformar a realidade em possibilidade de compreendê-la se desenvolve e transforma a si mesmo, na medida em que transforma e reflete sobre o mundo que o cerca.

Neste contexto, é relevante mencionar que Marx, na introdução de sua obra intitulada *Grundrisse* apresenta de forma sintética a sua compreensão sobre o método histórico-dialético. O ponto de partida do conhecimento não são as ideias, como propunha Hegel, mas sim a realidade imediata, sua aparência fenomênica. Assim, num primeiro momento, parte-se de um todo empírico, carente de determinação. Desse modo, faz-se necessário, mediante o movimento de abstração racional, negar a aparência fenomênica do real, para atingir sistematicamente o conjunto de suas determinações concretas. Para ilustrar este caminho, o autor alemão toma como exemplo o conhecimento sobre a população. Inicialmente, este conceito se mostra indeterminado, necessitando, mediante análise, elevar-se à compreensão de suas mediações. A população tem como pressuposto constitutivo de sua análise as classes sociais, as quais estão vinculadas ao trabalho, ao salário, ao capital etc. Portanto, a aparência do fenômeno precisa ser negada e superada pelo movimento de análise para atingir a síntese, amadurecida, articulada de sua caracterização interna. Mediante este movimento, o pesquisador chega à apreensão da noção de população, porém, não mais como uma totalidade caótica, mas como uma totalidade sistematizada do real. Nas palavras de Marx:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência também o ponto de partida da intuição e da representação (Marx, 2011, p. 55).

Operando a partir do materialismo histórico-dialético, Marx, em *O Capital* (volume I), procede a uma crítica do caráter místico, fetichista, ideológico, que os produtos do trabalho humano enquanto mercadoria adquirem na sociedade burguesa. O autor alemão, analisando as explicações dos economistas que o precederam (sobretudo Ricardo e Smith), afirma que, à primeira vista, a mercadoria parece ser algo simples e trivial. Enquanto valor de uso, isto é, a partir

de características específicas de determinadas mercadorias que satisfazem necessidades subjetivas dos indivíduos, ela não possui nenhum elemento misterioso na sua constituição. No que se refere ao trabalho humano útil, concreto, que produz os valores de uso dos produtos, não implica igualmente em nenhum elemento místico, encobridor de suas características próprias. Entretanto, quando se avalia a atividade humana que se generaliza no capitalismo, enquanto trabalho abstrato, responsável pela determinação do valor das mercadorias, ela se manifesta “plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos” (Marx, 2013, p.146). Nesse quadro, as mercadorias produzidas não são direcionadas imediatamente para o consumo, mas são direcionadas ao comércio, à troca com outras mercadorias, lógica essa que se estabelece como o fundamento da reprodução dos modos de vida do ser humano no capitalismo. Nesse contexto, igualmente ocorre uma inversão na forma do ser humano compreender a realidade, onde os indivíduos não se reconhecem de forma alienada nos produtos de seu trabalho; assim, as mercadorias aparecem dotadas de vida própria, poder autônomo, supostamente independentes dos seus verdadeiros artífices, servindo como forma de legitimação ideológica da sociedade burguesa industrial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, constata-se que o materialismo histórico-dialético se apresenta como uma forma do ser humano compreender, de maneira amadurecida, contextualizada, sistematizada, o mundo e a si mesmo, visando a superação dos grilhões que o aprisionam. Ou seja, tal visão de mundo busca, além de apreender as particularidades, determinações e mediações que estruturam a sociedade capitalista, também desnaturalizar o quadro de exploração, alienação e fetichização ideológica, encobridora das contradições sócio-históricas, apontando para a possibilidade concreta, presente em sua imanência material, de instauração de um novo mundo, livre das injustiças e desigualdades que implicam no esvaziamento da subjetividade humana e que promovem a deterioração dos recursos naturais em prol da acumulação de capital.

REFERÊNCIAS

- GORENDER, Jacob. *Apresentação a obra O Capital – Crítica da economia política* (livro I – O processo de produção do capital). São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução de Leandro Konder. Seleção de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.